

A LEITURA DRAMÁTICA E A FORMAÇÃO DE LEITORES: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS NA PESQUISA E EXTENSÃO

Fernanda Vieira Fernandes¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a formação de leitores, a partir de experiências de leituras dramáticas desenvolvidas pelos projetos de pesquisa *Leituras do drama contemporâneo* e de extensão *Leituras compartilhadas: práticas de leitura e escuta de dramaturgias*, da Universidade Federal de Pelotas. Partindo da análise de dados sobre a leitura no Brasil, são apresentadas e discutidas ações implementadas pelos projetos, que visam aproximar os envolvidos do hábito e fruição da leitura. A repercussão das práticas sinaliza que a vocalização do texto, com o engajamento do corpo, da voz e da escuta, somada ao encontro e compartilhamento entre os sujeitos, se revela um caminho profícuo na busca pelo prazer de ler.

Palavras-chave: Leitura; Dramaturgia; Formação de Leitores; Leitura Dramática; Leitura Compartilhada.

Dramatic reading and reader incentive: practices and experiences in research and extension projects

Abstract: This article aims to discuss about reader incentive, based on experiences of dramatic readings from the research project titled *Leituras do drama contemporâneo* (Readings of contemporary drama) and extension project titled *Leituras compartilhadas: práticas de leitura e escuta de dramaturgias* (Shared readings: dramaturgy reading and listening practices), from Universidade Federal de Pelotas. Based on the analysis of data about reading in Brazil, actions implemented by the projects are presented and discussed, as they aim to promote the habit and benefits of reading. The impact of these practices indicate that text vocalization, with the engagement of the body, voice and listening, combined with the meeting and sharing among subjects, is a useful path in the search for the pleasure of reading.

Keywords: Reading; Dramaturgy; Reader Incentive; Dramatic Reading; Shared Reading.

INTRODUÇÃO

Compartilhar textos, leituras e afetos tem sido o caminho percorrido pelo projeto de pesquisa *Leituras do drama contemporâneo* desde 2015. Criado no curso de Teatro-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), o projeto, coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Vieira Fernandes, está vinculado ao Grupo de Estudos em Teatro: Histórias e Dramaturgias (GETHED-CNPq) e conta, atualmente, com a colaboração de cinco licenciandos em Teatro, um

¹ Universidade Federal de Pelotas (fvnandes@gmail.com).

estudante de Cinema e Audiovisual e um professor de teatro egresso do curso da UFPel.

Em cinco anos de existência, o *Leituras* já ocupou diversos espaços (universidades, escolas, ruas, praças, *web* etc.), atingiu leitores e ouvintes, descobriu novos textos e dialogou com autores da contemporaneidade. A intenção inicial, nos primórdios, era provocar o surgimento de um nicho para se ler e discutir a dramaturgia produzida a partir do fim do século XX, no Brasil e no mundo. Além dos estudos teóricos e das análises, o grupo percebeu que poderia, através de leituras dramáticas, alcançar outros sujeitos. Ao final de cada ciclo de estudo de um texto dramático, propõe-se, portanto, a sua leitura pública, seguida de bate-papo com a plateia.

As experiências de leitura dramática em escolas levaram o grupo a pensar na ampliação do projeto de pesquisa para abranger também a extensão. Era uma ideia antiga colocar outras vozes como leitoras, já que a pesquisa conta sempre com a leitura dos acadêmicos colaboradores, ficando os espectadores exclusivamente na condição de ouvintes. No site institucional da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel apresenta-se que a extensão tem como objetivo “[...] promover a interação dialógica e a integração transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade, a difusão do conhecimento produzido e a capacitação dos cidadãos e profissionais comprometidos com a realidade social” (PREC-UFPEL, 2021), ancorando-se em quatro diretrizes, das quais destacam-se, aqui, duas:

1. A interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social;
2. A formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular (PREC-UFPEL, 2021).

Por entender que a troca com a comunidade proporcionada pela pesquisa fica restrita àqueles que assistem/escutam de um lado e àqueles que leem de outro, buscava-se um diálogo mais aprofundado, que criasse condições e espaços para incentivar a formação de leitores fora da academia, que tivessem o protagonismo de suas vozes, impactando mais diretamente no contexto social. E, ademais, propiciar que os colaboradores, majoritariamente professores em formação, compartilhassem suas experiências leitoras com outros sujeitos,

estimulando-os a integrar-se a espaços múltiplos e permitindo que experimentassem a docência em atividades orientadas.

Foi com esse horizonte que, no início de 2020, surgiu o projeto extensionista *Leituras compartilhadas: práticas de leitura e escuta de dramaturgias*, contando com a mesma equipe da pesquisa. A proposta tem como eixo central a realização de vivências e oficinas de leituras compartilhadas de textos dramáticos em espaços externos à universidade. A formação de leitores e ouvintes se estenderia para fora da UFPel. A opção pelo termo leitura compartilhada ao invés de leitura dramática, faz alusão mais especificamente ao exercício da leitura em voz alta, sem necessariamente ser levada a público, podendo ficar restrita ao grupo de participantes e, em alguns casos, experimentando pequenas leituras de textos não-dramáticos para provocar a comparação entre diferentes gêneros literários: “[...] *uma leitura compartilhada em voz alta* [...] se caracteriza por ser uma leitura vocalizada, de um texto desconhecido ou pouco conhecido pelos participantes, sem preparação ou ensaio prévio que vise à comunicação expressiva/artística” (VIDOR, 2016, p. 62. Grifo da autora).

A primeira parceria prevista era com o Colégio Estadual Félix da Cunha, localizado a poucos metros do Centro de Artes da UFPel, e englobaria turmas do Ensino Médio. O ano de 2020, porém, reservou uma virada de percurso no planejamento. A pandemia de COVID-19 impediu a realização presencial de atividades e, enquanto ainda se dialogava com a escola, as aulas foram suspensas. Para não frear completamente a ideia de colocar outras vozes para ler, decidiu-se criar ações virtuais abertas à comunidade, com a realização de oficina *on-line* e do *Tecitura*, sobre os quais comentar-se-á na sequência.

Este artigo trata de algumas dessas experiências que os projetos de pesquisa e extensão têm proposto ao longo de sua trajetória, evidenciando a importância de iniciativas que fomentem a formação de leitores e criem espaços de leitura/escuta, tanto na universidade, como fora dela, presencial ou virtualmente. No primeiro tópico, serão levantados alguns aspectos acerca da formação de leitores e da busca do prazer proporcionado pelo ato de ler, a partir de Vidor (2016), Bellenger (1979), Barthes (2006), Barreto (2015), Oliveira (2009) e Rosa (2017). Na sequência, as referidas ações dos projetos de pesquisa e extensão em leitura desenvolvidos na UFPel serão evidenciadas, comentando-se brevemente sobre sua dinâmica, alguns resultados que já podem ser observados e seu caráter de experiência, em consonância com Larrosa (2002).

LER, UM PRAZER DIFÍCIL DE SER CONQUISTADO

Em nosso país, a leitura é um hábito pouco apreciado e estimulado. Vidor (2016) menciona a pesquisa *Públicos de cultura: hábitos e demandas*, realizada pelo SESC São Paulo e pelo Departamento Nacional do SESC, em parceria com a Fundação Perseu Abramo, publicada em 2014, destacando que apenas 0,3% das pessoas escolheram a leitura como sua primeira opção cultural e que 31% responderam que nunca leram um livro por prazer.

A 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2019), empreendida pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural, entrevistou 8076 pessoas de 208 municípios brasileiros e revelou que, entre os classificados como não leitores, que correspondem aos que declararam não ter lido nenhum livro, inteiro ou em partes, nos três meses anteriores à pesquisa, 34% não o fez por falta de tempo, 28% por não gostar, 16% por não saber ler e 14% por não ter paciência (sendo esses os motivos principais apontados). Entre os designados leitores (que leram um livro inteiro ou em partes nos últimos três meses anteriores à entrevista), 18% informaram que não gostariam de ter lido mais e 82% indicaram que gostariam de ter lido mais, apontando como principais razões para não o terem feito: a falta de tempo, a preferência por outras atividades, a falta de paciência, o cansaço, o preço dos livros, a falta de dinheiro para comprá-los e a ausência de bibliotecas. A pesquisa mostra ainda que o número de leitores é maior conforme aumenta a renda familiar dos entrevistados. Nas sociedades marcadas pela desigualdade social, como é o caso do Brasil, a fruição da leitura fica comprometida, vinculando-se à imagem de que a leitura está restrita a uma população erudita.

Ler é um fenômeno bastante complexo e que vai além de interpretar e decodificar letras e palavras, não é uma questão limitada à alfabetização. O ato da leitura envolve construção de sentido. Quando o leitor não compreende o que está lendo, a leitura não acontece. Existe um vazio nas palavras escritas que deve ser preenchido pelo leitor ao ativar a sua imaginação. Semelhante ao que ocorre quando alguém lê em voz alta para outro sujeito. A voz provoca a imaginação na construção de imagens e exige que, tanto o leitor como o ouvinte, estejam engajados na ação. Interessante observar que as crianças compõem esse imaginário quando lhe são contadas histórias - antes mesmo de serem alfabetizadas -, o que atinge o seu lado sensível e instaura uma ambiência afetiva (ROSA, 2017, p. 18). Com o passar do tempo, abandona-se o exercício da escuta.

São raros os espaços de leitura em voz alta que tenham como público-alvo jovens e adultos.

A prática da leitura silenciosa e individual, por sua vez, segue presente, em especial na escola e na universidade. A forma como é conduzida, muitas vezes, tem um caráter opressivo, de obrigatoriedade. Neste caso, lê-se exclusivamente para executar uma tarefa ou uma avaliação. A leitura é objetiva e mecânica, certos livros são considerados chatos e não dialogam com a realidade dos jovens – pelo menos não explicitamente. Entretanto, não se pode dizer que os estudantes não façam nenhuma leitura: “[...] os alunos leem o que os atraem e os deixam curiosos, como, por exemplo, *videogames*, TV, novelas, *sites*, *clipes*, filmes, músicas, salas de *chat*, jornais de esporte e revistas [...]” (BARRETO, 2015, p. 60). Nessa lista podem ser incluídas postagens em redes sociais. Ou seja, a leitura está ligada à satisfação, ao prazer. O ato de ler alguma coisa que provoca atração, gera uma sensação física no leitor.

Roland Barthes especifica que o prazer do texto está justamente quando o corpo do leitor segue suas próprias ideias e que essas não são as mesmas do indivíduo, do seu racional. O corpo reverbera a leitura: “O prazer do texto seria irredutível a seu funcionamento gramatical (fenotextual), como o prazer do corpo é irredutível à necessidade fisiológica” (BARTHES, 2006, p. 24). Lionel Bellenger também associa a leitura ao prazer corpóreo e ao desejo:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. [...] É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem (*sic*) com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar, sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer (BELLENGER, 1979, p. 17).

Como então buscar e explorar o prazer na leitura? Como suscitá-lo entre jovens e adultos? No curso de Teatro-Licenciatura da UFPel os depoimentos de estudantes são muito parecidos: dificuldades com a leitura de textos teóricos e dramáticos, sejam elas de concentração ou de compreensão. Outrossim, o pouco acesso é relatado. Fora do curso, muitas pessoas não sabem que textos teatrais servem à leitura, sem ser com a finalidade da montagem de um espetáculo. Foi pensando em trilhar possíveis caminhos que contribuíssem à redução desses problemas que se propôs as ações dos projetos de pesquisa e extensão discutidos

neste artigo. Observou-se que a leitura, seja ela dramática ou não, quando realizada em voz alta, de forma compartilhada entre as pessoas, tem uma tendência a ser mais bem compreendida. A vocalização passa pelo corpo de quem lê e de quem escuta, somada ao fato de agregar os sujeitos, colocá-los no espaço coletivo:

[...] quando um sujeito coloca em sua voz o texto de um outro, ele reverbera aquelas palavras em todo o seu corpo, vibrando-as em si, dando a elas percursos inusitados, como se tomasse o texto escrito como uma partitura para a qual produz uma interpretação vocal experimental. Dar voz a um texto não é somente reproduzi-lo ao outro, mas percebê-lo em sua instância carnal, de ressonância [...] (OLIVEIRA, 2009, pp. 128-129).

Um texto lido de forma silenciosa, com uma recepção negativa por parte do leitor, pode, ao ocupar lugar no tempo e espaço através da leitura compartilhada em voz alta, ganhar outra dimensão e provocar uma percepção diferente no sujeito. Esta forma de fruição poderia, então, ser um pequeno passo na busca do prazer pela leitura.

É evidente que as práticas apresentadas aqui não se colocam como soluções e que nem sempre a leitura dramática ou compartilhada atinge tais objetivos, posto que este é um universo em que o prazer é difícil de conquistar e a descoberta desse deleite não é nada fácil (VIDOR, 2016). Na sequência, serão abordadas algumas das iniciativas que vêm sendo implementadas pelos supracitados projetos para construir pontes possíveis entre textos dramáticos e leitores.

LEITURAS DRAMÁTICAS NA UNIVERSIDADE E FORA DELA: A PRÁTICA DA PESQUISA

A primeira experiência que o projeto de pesquisa *Leituras do drama contemporâneo* realizou para ampliar o alcance de seus estudos e, por entender que as descobertas dramáticas do grupo não poderiam ficar restritas a ele, foram as leituras dramáticas. Ao longo de sua formação no curso de Teatro-Licenciatura, os discentes têm contato com textos dramáticos em diversas disciplinas. Naquelas que versam sobre teoria e história do teatro, eles realizam uma série de leituras obrigatórias que os ajudam a compreender movimentos histórico-culturais. Todavia, observando e conversando com estudantes, percebia-se que seu repertório se atinha a textos já tradicionais, ditos “clássicos da dramaturgia”. Seja por falta de tempo, de conhecimento e, principalmente, de

acesso, eles sabiam pouco sobre quem estava produzindo na atualidade ou nas últimas décadas – a literatura dramática escrita na contemporaneidade, seguidamente, não chegava até eles. Além disso, os textos escritos a partir do fim dos anos de 1980, frequentemente fragmentados, com ausência de enredo e personagens delineados e sem a estrutura de começo, meio e fim a qual os alunos estão acostumados, provocam susto e são taxados com a reputação de difíceis ou obscuros. Realizar leituras dramáticas em ambiente universitário é, portanto, uma busca por criar um elo entre textos, autores e discentes.

A impressão inicial entre aqueles que colaboravam com o projeto foi de estranhamento. A maioria deles, até então, nunca tinha realizado uma leitura dramática enquanto apresentação pública. Jean-Pierre Ryngaert salienta o pouco uso que se faz desse recurso na universidade:

A leitura em voz alta é uma abordagem do texto negligenciada nos hábitos universitários, seja porque pensamos não ser capazes disso e nos sentimos desarmados. Seja porque a abordagem intelectual é privilegiada em detrimento de experimentações concretas. Trata-se no entanto de um exercício precioso, mesmo que não nos consideremos em absoluto atores, sob a condição de que algumas regras sejam seguidas [...]. Essas leituras constituem uma série de *tentativas de dizer*, que privilegiam a materialidade do texto durante os primeiros contatos, em que convém ser sério sem se levar a sério e, por que não, encontrar prazer no que se faz (RYNGAERT, 1995, pp. 49-50. Grifo do autor).

A descoberta do prazer da leitura em voz alta engloba como aliados o corpo, a voz, a imaginação e as sensações provocadas por estes elementos. A leitura dramática possibilita que o leitor e o espectador-ouvinte se relacionem de outra forma com a obra, diferente da que experimentaríamos na leitura silenciosa, passando pela sensibilidade da escuta, suscitando emoções no ato compartilhado entre aqueles que emprestam sua voz e aqueles que a ouvem.

Se a voz reverbera no corpo do leitor e do ouvinte, potencializando o aspecto emotivo da comunicação, atuando diretamente no desejo de dar vitalidade aos textos, a escuta oferece a oportunidade de aceitar, acolher o que é oferecido pelo outro, de forma que a rede de sentidos possa ser tecida num movimento de idas e vindas, expansão e retração, com a flexibilidade permitida a partir das reações ao/do outro e a si próprio (VIDOR, 2016, p. 112).

A leitura de estreia do projeto de pesquisa ocorreu em maio de 2016, no espaço do Núcleo de Teatro da UFPel. Na ocasião, o grupo escolheu ler

fragmentos de textos dramáticos de Bernard-Marie Koltès, o primeiro autor estudado na pesquisa. O trabalho intitulava-se *Mosaico Koltès*. No bate-papo que se seguiu à leitura, uma das espectadoras levantou um ponto importante e que fez o coletivo refletir sobre sua prática. Ela ponderou que, em muitos momentos, predominava uma preocupação aparente em encenar o texto, ainda que se estivesse com o papel em mãos para leitura. Nesse sentido, ela provocou a investigação de um olhar mais atento à palavra e à ação vocal. De fato, não era objetivo da leitura a aproximação com a encenação. Para o projeto, o ato de ler é um fim em si, não um meio para alcançar a montagem de um espetáculo. Através da leitura em voz alta, o grupo busca um

[...] processo de criação de imagens [que] provoca no espectador uma outra sucessão de imagens, de modo espontâneo e instantâneo. Realizar esse processo do surgimento de imagens é o ponto desafiador da leitura dramática (ROSA, 2006, p. 25).

Para estimular o surgimento dessas imagens, a cada leitura, propõem-se novas configurações espaciais, novos lugares para explorar a dimensão vocal e condições distintas de iluminação. Ou seja, a voz tem espaço central no projeto, porém os espectadores-ouvintes enxergam os atores-leitores – logo, também são influenciados pelo sentido da visão. Isso não significa dizer que as leituras ficam restritas a espaços específicos. Frequentemente, as condições iniciais previstas são adaptadas para outras realidades, como a de escolas, sempre lembrando que o cerne da pesquisa é a leitura/escuta propriamente dita.

No trabalho de preparação das leituras dramáticas, o grupo realiza estudos e análises do texto e seus personagens (relacionando os aspectos teóricos pesquisados às dramaturgias selecionadas), aquecimentos corporais e vocais, jogos teatrais adaptados para estimular a leitura, improvisações vocais com o texto etc. A mobilização do corpo se dá, por exemplo, falando as palavras do texto e deixando que elas reverberem corporalmente. Independente do sentido das palavras, os colaboradores atizam sua escuta para a sonoridade delas: como as vogais e consoantes provocam o corpo, como mexem a boca para serem enunciadas e como fazem vibrar os ressonadores corporais. Alguns jogos tais como corrida em câmera lenta, pega-pega, espelho e mestre mandou são executados com trechos do texto sendo enunciados e descolados do sentido literal das palavras.

Busca-se que diferentes experimentações de vozes se intercalem na preparação da leitura dramática. Um mesmo personagem é lido por várias

pessoas e suas possibilidades vocais são exploradas, em termos de intenção, ritmo, tom, velocidade, entre outros fatores. Ao fazer uso das palavras e buscar intimidade com as suas sonoridades, deseja-se alcançar o prazer daqueles que leem, sentindo-se parte do processo, trazendo suas vivências, suas sensações e sua excitação pela leitura. A concepção final é decidida coletivamente, assim como a distribuição de personagens. Elas acabam ocorrendo de forma bastante natural, pois antes da decisão, os colaboradores já são íntimos do texto e as ideias brotam das experiências da sala de ensaio.

Em cinco anos, foram realizadas leituras de dezoito textos, de dezesseis dramaturgos e dramaturgas, nacionais e estrangeiros, em espaços na UFPel (Núcleo de Teatro, Museu do Doce, Grande Hotel, Sala Carmen Biasoli e Auditório do Centro de Artes), na Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e em cinco escolas públicas de Pelotas/RS. Em 2020, por conta da crise sanitária provocada pela COVID-19, as leituras foram realizadas virtualmente em sessões ao vivo no canal de *Youtube* do projeto. No primeiro momento, foi desafiador pensar que as leituras dramáticas perderiam o aspecto do encontro e da presença, porém, com o uso dos equipamentos, tenta-se diminuir a sensação de distância e investigar a voz e a imagem de novas maneiras. Outro aspecto a considerar nessas leituras de 2020 é que o projeto alcançou espectadores que seriam improváveis, quiçá impossíveis, na leitura presencial. Exemplo disso foi a leitura de *Passport* – a primeira *on-line* empreendida pelo projeto, em 01 de julho de 2020 –, do autor venezuelano Gustavo Ott, que, ao final da apresentação, identificou-se na plateia virtual e surpreendeu todos os membros do grupo: jamais se imaginaria que ele pudesse estar assistindo.

OFICINA VIRTUAL DE LEITURA: A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO

Conforme mencionado na abertura deste artigo, o ano de 2020 foi programado como o momento em que o projeto ampliaria o seu horizonte de atuação, colocando outros sujeitos no protagonismo das leituras, com um entendimento da extensão como oportunidade de diálogo entre a universidade e a comunidade, com trocas ricas entre ambas. Uma série de vivências e oficinas em escolas e outros espaços estavam previstas e, para tanto, foi criado um projeto de extensão paralelo ao de pesquisa, denominado *Leituras compartilhadas: práticas de leitura e escuta de dramaturgias*.

O foco, neste caso, não era explorar textos escritos na contemporaneidade, mas aproximar mais pessoas da dramaturgia. Revelar que o teatro está presente na literatura e sua produção escrita pode ser lida e fruída de forma independente. Com isso, democratizar a dramaturgia, divulgar obras importantes e dar a conhecer autores e autoras. As leituras variariam de acordo com distintas realidades e situações. Junto a escolas, por exemplo, pensava-se em aliar outras disciplinas aos textos lidos, envolvendo estudantes secundaristas e seus professores de História, Filosofia, Língua portuguesa, Literatura etc. A leitura dramática poderia se dar no próprio espaço da sala de aula, sem necessidades físicas ou técnicas especiais, o que facilitaria a implementação do projeto nesse ambiente.

A proposta de aprofundar as ações de leitura através da extensão também foram pensadas como uma maneira de inserir os colaboradores licenciandos em Teatro em outras realidades e complementar sua formação docente. Com as oficinas em leituras compartilhadas, eles se colocariam no papel de condutores de vivências envolvendo jovens e adultos. A participação em tais atividades promove aos futuros professores um interesse e conhecimento maior sobre possibilidades da leitura na prática pedagógica do teatro, além da sua própria formação enquanto leitores e ouvintes. Como observa e reflete Vidor: “Se o sujeito-professor tem dificuldades ou desinteresse com e pela leitura e literatura, como esperar que seu gesto pedagógico seja permeado pelo entusiasmo com esta atividade?” (VIDOR, 2016, p. 263).

O planejamento do projeto de extensão para 2020 foi completamente revisto a partir do mês de março, quando as atividades universitárias e escolares presenciais foram interrompidas pela pandemia de COVID-19. Num primeiro instante, o grupo seguiu apenas com seus estudos teóricos, fichamentos de jogos e exercícios de leitura, aguardando que a situação se normalizasse. Com o passar do tempo, percebeu-se que a crise sanitária perduraria e que, se não fossem executadas ações virtuais, não se alcançaria o público externo, foco da iniciativa extensionista.

Nesse contexto, organizou-se a 1ª edição da oficina *Práticas de leituras compartilhadas de textos dramáticos*, completamente remota, inédita para todos os participantes do projeto. Aderir ao virtual implicou em assumir riscos específicos, como falhas ou quedas de conexão, maior possibilidade de evasão e redução de vagas ofertadas (se comparado ao que se ofertaria presencialmente). Fez-se necessário pensar em práticas viáveis de construção e troca de

conhecimentos, fruição dos estímulos e exercícios práticos propostos em sua totalidade, de modo que a experiência final de uma leitura compartilhada não deixasse de reverberar corporalmente, apesar das limitações atravessadas pelo necessário isolamento. Distante de cursos de leitura como os que menciona Bellenger (1979), que pensam nesse exercício como algo utilitário, como ferramenta prática que pretende eficácia e vencimento de “degraus”, o objetivo da oficina era criar um ambiente de redescoberta da leitura através da voz e do corpo dos participantes, visando o prazer e a surpresa nessa prática, como aponta Oliveira:

A leitura em voz alta não resulta somente de um processo mecânico de passagem de um texto para a voz do mesmo modo como fora ensaiado na cabeça. Vocalidade é território de surpresa, de risco, no qual o sujeito, no ato de ler em voz alta, se oferece e se expõe à palavra do outro. Essa exposição permite um reencontro com o próprio corpo através das sonoridades reverberadas na voz (OLIVEIRA, 2009, p. 125).

Cada um leria de acordo com seus recursos, seu espaço físico, suas possibilidades, suas vivências anteriores, sem o julgamento de boa ou má leitura. O fato de participar da oficina traria o aspecto da escuta, da partilha, de realizar uma pausa entre as obrigações cotidianas para dedicar-se a esse exercício, lançando-se em algo novo e envolvendo-se, talvez pela primeira vez para alguns, com a literatura dramática. Vidor (2016) define isso como um ato de resistência a um mundo que exige que as coisas sejam sempre digeridas, explicadas e/ou facilitadas.

A oficina se configurou em dois encontros semanais através da plataforma *Google Meet*, divididos em duas horas cada, ao longo de três semanas, de 22 de junho a 8 de julho de 2020, totalizando a carga horária de doze horas de atividades síncronas e oito horas de atividades assíncronas. O formulário de inscrição foi disponibilizado *on-line* e divulgado através das mídias sociais. Para se inscrever, as pessoas interessadas deveriam ter dezesseis anos completos e não era necessária experiência prévia com teatro ou leitura dramática. Previu-se a oferta de oito vagas, sendo duas delas reservadas a pessoas autodeclaradas pretas, pardas ou indígenas. Todavia, por conta da grande procura (mais de cinquenta inscrições), ampliou-se para doze o número de vagas – com quatro para as mencionadas cotas. Chegou-se a cogitar a abertura de novas turmas, mas como era uma experiência-piloto e não se sabia como seria a adaptação ao ambiente *on-line*, foi mais prudente manter a turma única e, posteriormente, avaliar os

resultados. A seleção se deu por sorteio e convém observar que todas as participantes foram mulheres - o único participante homem sorteado não concluiu a oficina. O modo remoto possibilitou a participação de pessoas de outros Estados brasileiros.

Os exercícios e jogos aplicados na oficina foram semelhantes aos que o próprio grupo de pesquisa executa em suas preparações para leituras dramáticas: alongamentos, exercícios de aquecimento corporal e vocal, dinâmicas com a voz, jogos com a sonoridade das palavras e exploração de possibilidades de leitura (ritmos, tons, velocidades, ressonadores, pausas, articulações, tensões etc.). Além destes, usou-se um texto teatral como base para algumas atividades, realizando, ao final da oficina, de forma privada, a sua leitura dramática. O texto escolhido para ser lido na 1ª edição foi *Ano novo, vida nova*, da dramaturga pelotense Vera Karam.

Ao final da oficina, dos doze que iniciaram, nove mulheres concluíram. Foi enviado às participantes um formulário eletrônico de avaliação. Os resultados foram bastante satisfatórios, sem o apontamento de aspectos negativos. Pelo contrário, as alunas se mostraram muito tocadas pela iniciativa, participando, inclusive, de outras ações dos projetos de pesquisa e extensão. Muitas delas indicaram a questão do afeto em ler/escutar com/para outras pessoas como o ponto alto da oficina, ainda mais em tempos de isolamento social. Sonia Rosa observa o caráter do afeto em relação à contação de histórias, que, com certeza, também se aplica às leituras compartilhadas (dramáticas ou não): “[...] fez e faz uma grande diferença para a humanidade e, assim, tal qual um abraço, nunca perderá sua importância e sua pertinência nas relações humanas” (ROSA, 2017, p. 57). A boa experiência com a oficina levou à oferta de duas novas turmas na 2ª edição (agosto/setembro de 2020) e na 3ª edição (outubro/novembro de 2020).

TECITURA: ENCONTRO DE VOZES QUE LEEM DRAMATURGIA

Com maior familiaridade e conhecimento sobre plataformas digitais por conta das leituras dramáticas transmitidas pelo *Youtube* e da oficina virtual, o projeto de extensão decidiu implementar uma nova ação de leitura envolvendo sujeitos externos. A proposta consiste em conduzir o preparo de uma leitura dramática a ser mostrada para o público, com leitores que se inscrevem para a atividade. Mais uma vez, não se configura como um curso para ensinar técnicas

eficazes de leitura dramática. A voz e a escuta estão no foco e, em especial, a generosidade em emprestar sua voz e receber a do outro.

O título dado à ação, *Tecitura*, originou-se, primeiramente, da palavra texto. Do latim, *textus*, significa tecido: “este significado, *tecido*, já nos remete à sua característica de trama e nos mostra que, entre os fios, que são tramados, podemos encontrar espaços que podem estar mais ou menos ajustados” (VIDOR, 2016, p. 86). A professora e pesquisadora Heloíse Vidor acrescenta a esta imagem do tecido a da *textura*, do ato ou efeito de tecer, da trama. A partir dessa evocação do texto lido como algo tecido, veio a *tecitura*, que é o conjunto de fios que se cruzam no tear. As vozes das pessoas são como esses fios que se atravessam e dão vida e sonoridade ao texto dramático.

A 1ª edição do *Tecitura* ocorreu nos dias 3, 4 e 5 agosto de 2020, com o texto *Por Elise*, da dramaturga brasileira Grace Passô. Foram ofertadas dez vagas para maiores de dezesseis anos e a seleção se deu por ordem de inscrição – nenhuma experiência com teatro ou leitura dramática era exigida. A atividade contou com três encontros de duas horas cada. No primeiro, os colaboradores apresentaram brevemente a autora, os personagens do texto foram sorteados entre os participantes (que haviam realizado leitura prévia e individual) e discutiu-se sobre impressões que a obra suscitava. No segundo, uma nova leitura, explorando as possibilidades vocais levantadas no encontro anterior. No último, a leitura dramática foi gravada e disponibilizada no canal *Youtube* do projeto. Apesar da gravação se configurar como um resultado, os colaboradores do projeto deixaram claro desde o princípio que se tratava de um exercício, passível de falhas, sem o caráter de apresentação final completamente acabada e editada – até porque em três sessões isso seria impossível.

A leitura nessa reunião de vozes externas e virtuais guardava a característica da experiência no sentido abordado por Jorge Larrosa (2002), como algo que nos passa, nos acontece, nos toca, como um lugar de encontro com algo que se experimenta:

[...] a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo

novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. [...] Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência (LARROSA, 2002, p. 23).

A experiência da leitura dramática no *Tecitura*, mesmo que efêmera, buscou deixar rastros, vasculhar dentro de cada um dos envolvidos um lugar de prazer na leitura. A suspensão de tempo e espaço – considerando que permanecer duas horas concentrado apenas em ler, escutar e criar imagens a partir disso não é tarefa fácil –, promove uma desaceleração que a leitura requer. A voz, a escuta, a pausa e o silêncio propostos na ação são experiências distintas das que costumam fazer parte do cotidiano das pessoas. A ideia era criar uma conexão, através das palavras lidas e escutadas, que permanecesse na memória e apontasse para outras possibilidades de fruir um texto literário.

Assim como na oficina, ao término, foi enviado formulário virtual de avaliação da ação. O retorno foi bastante positivo e as únicas sugestões que apareceram foi de ampliação da carga horária para melhor discutir o texto dramático (o que se adequou na 2ª edição) e algumas pessoas indicaram interesse por mais jogos e exercícios vocais – para estas, sugeriu-se a participação nas oficinas, que têm tal enfoque. Entre os “Aspectos positivos”, destacaram-se aqueles que evidenciavam o traço supracitado da experiência, do compartilhamento e da aproximação – mesmo que virtualmente. Quatro pessoas comentaram sobre isso:

- Poder ler compartilhadamente (*sic*) com pessoas que até então me eram desconhecidas.
- A diversidade do trabalho de cada membro, o espaço confortável e acolhedor que foi construído.
- Diversidade de pessoas e as trocas.
- Essa experiência fez vibrar em mim principalmente o jogo com o outro, que é tão potente no teatro (Formulário de avaliação *Tecitura* 1ª edição, 2020).²

Para a 2ª edição, realizada entre os dias 31 de agosto e 2 de setembro, escolheu-se o texto *Alguém acaba de morrer lá fora*, do dramaturgo brasileiro Jô

2 Os formulários garantiam anonimato aos participantes para que estes pudessem se manifestar livremente.

Bilac. Foram ofertadas oito vagas, de acordo com a proposta de divisão de personagens estabelecida pelos organizadores, para maiores de dezesseis anos, possuindo ou não experiência prévia com teatro e/ou leitura dramática. Da mesma maneira que na primeira experiência, o exercício de leitura fluiu tranquilamente, com engajamento dos participantes e resultados positivos nas avaliações dos formulários.

Os estímulos e sensações dos encontros tiveram duração limitada, mas podem reverberar posteriormente nos sujeitos, como evidenciaram os formulários e as declarações dos participantes no fechamento de cada edição – após a leitura final, se reservava tempo para ouvir os envolvidos e suas impressões. Segundo alguns deles, o ato de ler um texto teatral em voz alta ficou marcado como uma possibilidade de encontrar-se com outras pessoas para partilhar um interesse comum e conhecer novos horizontes a partir da dramaturgia. O caráter de formação de leitores e ouvintes interessados por literatura dramática fica evidente, ainda, quando certos deles passam a participar de forma assídua das ações dos projetos, tanto na condição de leitores, quanto na de espectadores-ouvintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura no Brasil é um hábito que precisa ser estimulado. Frequentemente, as famílias não o fazem porque também não foram despertadas para a prática leitora. Na escola, a dedicação à leitura é majoritariamente restrita à obrigação. Bellenger (1979) ressalta que, quando a leitura não é vital (como a do código de trânsito para obtenção da carteira de motorista, exemplo dado pelo autor), ela é a primeira a ser adiada. Além disso, destaca que ela guarda o caráter opressivo se for induzida em um ambiente com essa característica, fazendo ressurgir uma carga de pressão por realizar tarefas.

No curso de Teatro-Licenciatura da UFPel observa-se que muitos discentes guardam essa impressão acerca da leitura: “difícil”, “chata”, “entediante”, “incompreensível”, “maçante” e “impossível” são adjetivos que aparecem quando são demandadas leituras de textos teóricos ou dramáticos. Neste artigo, foram apresentadas algumas das ações que vêm sendo implementadas pela pesquisa e extensão na área de leitura dramática para buscar minimizar essas dificuldades.

A vocalização do texto, envolvendo o corpo, a voz e a escuta, se mostra um caminho interessante na busca do prazer pela leitura. Obviamente que “[...]”

a fruição do texto literário exige um esforço, nem sempre prazeroso, a ser duramente conquistado [...]” (VIDOR, 2016, p. 89). Não é de um dia para outro que uma pessoa cujo hábito nunca incluiu a leitura passa a deleitar-se com a sua prática. É preciso calma, é preciso avançar lentamente. Desde 2015, o *Leituras* cria pontes entre textos teatrais e possíveis leitores. Nas leituras dramáticas, nas oficinas e no *Tecitura* o objetivo é sempre proporcionar um momento de prazer, de felicidade, pois o sentir-se à vontade é fundamental nesse percurso (BELLENGER, 1979).

Atualmente, os projetos estão bastante consolidados na UFPel e a ampliação de seu alcance para outros espaços, como as escolas, está num horizonte próximo. As leituras dramáticas realizadas para estudantes de Ensino Médio demonstraram que existe espaço para explorar esse campo junto aos jovens. Infelizmente, a proposta que era prevista para ter início em 2020 teve que ser adiada. No entanto, o ambiente virtual possibilitou novas descobertas e expandiu as fronteiras do *Leituras* para outros Estados e países. As iniciativas de leitura *on-line* são muito proficuas e sinalizam para o hibridismo nas atividades futuras dos projetos de pesquisa e extensão: manter a força do presencial e seguir explorando o virtual, priorizando o traço do encontro, da partilha e da experiência em ler, escutar e se deixar afetar por isso.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Cristiane. **A travessia do narrativo para o dramático no contexto educacional**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. 4 ed. 1 reimp. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BELLENGER, Lionel. **Os métodos de leitura**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL. **Retratos da leitura no Brasil**. 5 ed. 2019. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 25 out. 2020.

Leituras do drama contemporâneo. *Website* institucional. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leiturasufpel/>. Acesso em: 25 out. 2020.

Leituras do drama contemporâneo UFPel. Canal *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/leiturasdodramacontemporaneoufpel>. Acesso em: 25 out. 2020.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. **Corpo a corpo com o texto literário.** 2009. 167 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270323>. Acesso em: 24 out. 2020.

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura Universidade Federal de Pelotas (PREC-UFPel). *Website* institucional. 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec/sobre-a-prec/extensao-universitaria/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

ROSA, Gideon Alves. **Leitura dramática:** um recurso para revelação do texto. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Artes cênicas). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9448>. Acesso em 23 fev. 2021.

ROSA, Sonia. **Entre textos e afetos:** formando leitores dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatro.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VIDOR, Heloise Baurich. **Leitura e teatro:** aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec; Florianópolis: Fapesc, 2016.

Recebido em 28 de outubro de 2020.

Aprovado em 04 de março de 2021.